



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA**

NAYANNE STEPHANIE DE SOUSA ESPÍNOLA

**ATENDIMENTO CLÍNICO VETERINÁRIO INCLUSIVO: O QUE DIZEM OS
TUTORES SURDOS?**

**AREIA
2025**

NAYANNE STEPHANIE DE SOUSA ESPÍNOLA

**ATENDIMENTO CLÍNICO VETERINÁRIO INCLUSIVO: O QUE DIZEM OS
TUTORES SURDOS?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Medicina Veterinária pela
Universidade Federal da Paraíba.

Orientador: Prof. Dr. Abraão Ribeiro Barbosa

Co-orientador: Prof. Dr. José Givaldo de
Sousa

AREIA

2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

E77a Espínola, Nyanne Stephanie de Sousa.
Atendimento clínico veterinário inclusivo: o que dizem os tutores surdos? / Nyanne Stephanie de Sousa Espínola. - Areia:UFPB/CCA, 2025.
27 f. : il.

Orientação: Abraão Ribeiro Barbosa.
Coorientação: José Givaldo de Sousa.
TCC (Graduação) - UFPB/CCA.

1. Medicina Veterinária. 2. Surdos. 3. Atendimento veterinário. 4. Libras. 5. Inclusão. I. Barbosa, Abraão Ribeiro. II. Sousa, José Givaldo de. III. Título.

UFPB/CCA-AREIA CDU 636.09(02)

NAYANNE STEPHANIE DE SOUSA ESPÍNOLA

ATENDIMENTO CLÍNICO VETERINÁRIO INCLUSIVO: O QUE DIZEM OS TUTORES
SURDOS?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Medicina Veterinária pela
Universidade Federal da Paraíba.

Aprovado em: 4/11/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Givaldo de Sousa

Prof. Dr. José Givaldo de Sousa (Co-orientador)

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Prof.ª Duane Emília da Nóbrega Salviano

Prof.ª Duane Emília da Nóbrega Salviano

Faculdade Rebouças de Campina Grande

Prof. Ayrton Felipe dos Santos Maracajá

Prof. Ayrton Felipe dos Santos Maracajá

AM LIBRAS - Nativo da Língua

AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, a Deus e à minha mãe Nailde, minha maior fonte de amor, força e inspiração. Tudo o que sou e tudo o que conquistei, devo a você, que sempre acreditou em mim, mesmo nos momentos mais difíceis. Você é minha fortaleza e meu maior exemplo de vida, e nada do que escrevo aqui será capaz de expressar todo meu amor e gratidão. Esta conquista é tão minha quanto sua, porque sem você ao meu lado, muitos dos meus passos talvez não tivessem sido dados.

À minha madrinha (*in memoriam*), minha segunda mãe, que já não está entre nós, mas cuja presença sempre senti ao meu lado. A senhora foi essencial para minha vida e para quem me tornei, uma figura de carinho e apoio inigualável.

À minha avó materna, que me acolheu e me criou como filha quando minha mãe não pôde estar presente. A senhora esteve ao meu lado em todas as fases da minha vida, com seu jeitinho especial, sempre demonstrando carinho e cuidado.

À minha tia Carine, que marcou fases importantes da minha infância e que sempre esteve por perto, meu profundo reconhecimento.

Ao meu avô materno, que desde os meus primeiros anos de vida despertou em mim uma curiosidade por animais exóticos, foi ele quem me ensinou a ver a beleza no diferente.

Ao meu padrinho, que, de sua maneira, esteve presente e me apoiou ao longo dessa jornada.

Às minhas primas Thaís e Thainá, que representaram o papel de irmãs ao longo da minha vida e apesar da distância atual, sempre se fizeram presentes quando mais precisei, nossos desabafos e risadas foram um incentivo fundamental para que eu me mantivesse firme.

Aos meus amigos de João Pessoa, Gabriel Rolim, Camila Bernardes e Lenin, agradeço por compreenderem minha ausência e, mesmo assim, me fazerem presente em suas vidas, a amizade de vocês nunca exigiu proximidade física.

À minha amiga Thayná Martins que tantas vezes foi minha muleta quando minhas forças falhavam, me amparando com um carinho que só você sabe dar, você me entendeu quando mais ninguém conseguia, e seu apoio inabalável foi a âncora que me manteve firme.

A João Camilo, que conheço desde que nasceu, meu vizinho, primo, irmão e melhor amigo. Você esteve comigo desde o princípio, quando eu era apenas uma criança, e hoje

seguimos juntos, compartilhando a mesma paixão pela Medicina Veterinária. Sua vinda para Areia, na reta final, foi essencial para que eu tivesse força para continuar.

À minha amiga e colega de apartamento, Ana Clara Campos, que trouxe alegria e leveza aos dias mais cansativos. Compartilhamos muitos momentos, risadas e cumplicidade ao longo dos últimos meses de curso, ter você como irmã mais nova foi, sem dúvida, um presente especial.

Agradeço profundamente às minhas poucas amizades que fiz em Areia, Maria Júlia, Livia Belmiro, Amanda Meneses, Jéssica Nascimento, Érika Araújo e Gislene Rodrigues.

À Ana Carolina Linhares, que esteve ao meu lado nas noites em claro de estudo, dividindo não apenas o cansaço, mas também os sonhos. Nomeada madrinha de Athena, você foi mais do que uma amiga, foi um suporte quando mais precisei. Sou eternamente grata por cada passo que demos juntas nessa jornada.

Sou igualmente grata às amizades que, mesmo tendo passado por minha vida, deixaram lições valiosas.

Ao Prof. Dr. Abraão Ribeiro, que me acolheu no fim dessa jornada como orientador, oferecendo suporte e confiança.

Ao Prof. Me. José Givaldo, que fez reacender em mim o interesse pela LIBRAS, que estava adormecido, seu apadrinhamento nesta reta final foi fundamental para que eu conseguisse seguir em frente com determinação.

Ao Prof. Ayrton Felipe, sua presença é especialmente significativa, não só por sua experiência, mas também por representar diretamente a comunidade surda, que é o foco central do meu trabalho.

Aos meus animais que sempre foram uma fonte inesgotável de amor e desde sempre estiveram presentes em minha vida, em especial, lembro com carinho de Ayla (*in memoriam*) e Sol (*in memoriam*), que deixaram uma marca eterna no meu coração.

Aos meus filhos de 4 patas que estão comigo hoje: Apollo, Athena, Rafa, Sabrino e Chan. Todos me proporcionam uma força sobrenatural que me impulsiona a continuar e a lutar todos os dias. Esse amor genuíno e incondicional que recebi despertou em mim a paixão pela Medicina Veterinária, cada interação, cada carinho trocado, fortaleceu em mim a certeza de que queria retribuir de alguma forma todo o bem que me fizeram.

RESUMO

Atualmente, observa-se que a falta de inclusão de pessoas surdas no âmbito da Medicina Veterinária é preocupante e pouco discutida. Muitos profissionais da área não têm o conhecimento básico da Língua Brasileira de Sinais (Libras), o que representa uma barreira significativa na oferta de um atendimento clínico veterinário de qualidade a essa comunidade, que representa cerca de 5% da população brasileira. O reconhecimento da Libras como língua oficial da comunidade surda no Brasil é relativamente recente, sendo regulamentado pela Lei nº 10.436, de 2002, que estabelece a Libras como um meio legal de comunicação e expressão para a comunidade surda. Este estudo tem como objetivo avaliar os desafios enfrentados por tutores surdos ao buscar atendimento veterinário para seus animais, além de fomentar a reflexão sobre as dificuldades dessa comunidade, também visa destacar a importância da inclusão da Libras na formação de estudantes de Medicina Veterinária. Para a realização deste trabalho, fundamentamo-nos em autores como Goldfeld (1997), Sacks (1989), Quadros (1997), Chaveiro (2010), Almeida (2000) e Fonseca (1995). A metodologia adotada tem caráter qualitativo, sendo conduzida por meio de um questionário, com doze perguntas, aplicado via Google Forms e direcionado especificamente aos tutores com deficiência auditiva. O presente trabalho destacou o desafio que os profissionais veterinários enfrentam no atendimento clínico inclusivo devido à falta de domínio da Libras. Essa lacuna na comunicação compromete a eficácia do atendimento a tutores surdos, ressaltando a necessidade urgente de capacitação na Língua Brasileira de Sinais para garantir uma assistência mais acessível e eficiente.

Palavras-Chave: surdos; atendimento veterinário; Libras; inclusão.

ABSTRACT

Currently, it is observed that the lack of inclusion of deaf individuals in the field of Veterinary Medicine is concerning. Many professionals in this area do not possess a basic knowledge of Brazilian Sign Language (Libras), which represents a significant barrier to providing quality veterinary clinical care to this population, which accounts for about 5% of the Brazilian population. The recognition of Libras as an official language in Brazil is relatively recent, being regulated by Law No. 10,436 of 2002, which establishes Libras as a legal means of communication and expression for the deaf community. This study aims to evaluate the challenges faced by deaf individuals in seeking veterinary care for their animals, as well as to promote reflection on the difficulties experienced by this community. It also seeks to highlight the importance of including Libras in the training of Veterinary Medicine students. For the realization of this work, we relied on authors such as Goldfeld (1997), Sacks (1989), Quadros (1997), Chaveiro (2010), Almeida (2000), and Fonseca (1995). The adopted methodology is qualitative, conducted through a questionnaire consisting of twelve questions, applied via Google Forms and specifically directed at guardians with hearing impairments. This work emphasized the challenges that veterinary professionals face in providing inclusive clinical care due to their lack of proficiency in Brazilian Sign Language. This communication gap compromises the effectiveness of care for deaf guardians, highlighting the urgent need for Libras training to ensure more accessible and efficient assistance.

Keywords: deaf individuals; veterinary care; Brazilian Sign Language; inclusiveness.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Roteiro de perguntas	20
Quadro 2	Comentários opcionais	25

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Perfil dos participantes	22
Tabela 2 - Perguntas direcionadas ao atendimento clínico	23
Tabela 3 - Dificuldades no atendimento	24

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Avaliação da experiência com atendimento veterinário	25
-----------	--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
FUNAD	Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência
OMS	Organização Mundial da Saúde
UFPB	Universidade Federal da Paraíba

LISTA DE SÍMBOLOS

% Porcentagem

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	Contextualização	13
1.2	Problemática	14
1.3	Justificativa	15
2	OBJETIVOS	16
2.1	Objetivo geral	16
2.2	Objetivos específicos	16
3	O SURDO NA HISTÓRIA	16
3.1	O surdo no Brasil	17
4	METODOLOGIA	19
4.1	Fonte de dados e sistema de amostragem	20
5	ANÁLISE DE DADOS	20
6	RESULTADOS E DISCUSSÕES	21
7	CONCLUSÃO	25
	REFERÊNCIAS	26

1 INTRODUÇÃO

Este capítulo oferece uma visão geral e organizada do trabalho, estruturado da seguinte maneira: 1.1 contextualização; 1.2 problemática; 1.3 apresentação dos argumentos que justificam a realização desta pesquisa.

1.1 Contextualização

O Censo Demográfico de 2010 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), revela que no Brasil, aproximadamente 10,7 milhões de pessoas se declararam com algum grau de deficiência auditiva, sendo que cerca de 2,8 milhões se identificaram como surdas. Na Paraíba, os dados indicam que há cerca de 181.762 pessoas com algum grau de deficiência auditiva, com aproximadamente 6.470 indivíduos considerados surdos.

Helen Keller¹, uma notável figura histórica que enfrentou a cegueira e a surdez, explorou de forma íntima em seu livro *The World I Live In*, sua experiência sensorial e emocional. Para Keller, a ausência de audição não apenas limitava a percepção do mundo sonoro, mas também impedia a comunicação e a conexão social com os outros, aspectos fundamentais da experiência humana. Sua perspectiva destaca a importância da linguagem e da comunicação para o desenvolvimento pessoal e social, enfatizando a necessidade de inclusão e acessibilidade para aqueles que, como ela, vivem com deficiências auditivas.

Ao longo da história, as pessoas com surdez enfrentam inúmeras dificuldades no caminho para a inclusão, sendo o acesso aos serviços da área da saúde um dos mais essenciais e preocupantes. Infelizmente, a sociedade em geral ainda está muito aquém de integrar adequadamente os surdos, apesar de existir uma lei que reconhece a Língua Brasileira de Sinais, conhecida como Libras, como a língua oficial da comunidade surda.

Segundo Brito (2019), as dificuldades enfrentadas pela comunidade surda no acesso aos serviços de saúde são significativas, refletindo uma realidade em que, apesar do amparo legal para garantir a inclusão, a comunicação ainda é um grande desafio. Além disso, muitos surdos dependem de acompanhantes que, muitas vezes, não dominam a língua de sinais, o que pode levar a uma comunicação imprecisa.

A Constituição de 1988 afirma que é dever do Estado "cuidar da saúde e assistência pública, da proteção e garantia das pessoas com deficiência", independentemente da natureza da deficiência. No entanto, muitos profissionais não estão adequadamente preparados para

¹ Helen Keller (1880-1968) foi uma escritora e ativista social norte-americana. Surdocega, formou-se em filosofia e lutou em defesa dos direitos sociais, em defesa das mulheres e das pessoas com deficiência.

atender às necessidades de pessoas surdas. No Brasil, é evidente a desigualdade no acesso aos direitos básicos conforme assegurado pela Constituição. A falta de acessibilidade persiste em várias esferas, inclusive na saúde animal.

O interesse pelo tema "Atendimento Clínico Veterinário Inclusivo: o que dizem os tutores surdos?" surge da necessidade de investigar as experiências desses tutores ao buscarem atendimento para seus animais em clínicas veterinárias, abordando como esse atendimento é realizado, os métodos de comunicação utilizados e a assistência em situações de emergência, entre outros aspectos relevantes.

A inclusão da Libras na grade curricular do ensino superior deveria, em teoria, resolver essa questão, no entanto, como ocorre com qualquer outro idioma, é preciso dedicar tempo e esforço para que os profissionais compreendam as particularidades e complexidades da língua. Embora seja essencial garantir atendimento acessível para tutores surdos, é igualmente importante reconhecer que o profissional veterinário que realiza esse atendimento passou por cinco anos de formação intensiva na graduação em Medicina Veterinária, adquirindo competências necessárias para prestar um serviço de qualidade.

Na Universidade Federal da Paraíba, por exemplo, existe a oferta da disciplina optativa de Libras, que proporciona uma compreensão básica e inicial da língua, capacitando o futuro profissional a lidar de forma inclusiva com tutores surdos. Essa é uma oportunidade valiosa, pois conscientiza o estudante sobre a necessidade de se preparar para oferecer um atendimento acessível a todos.

A presença de poucos graduandos do curso de Medicina Veterinária nas turmas de Libras ofertadas semestralmente, ressalta a falta de interesse desses estudantes em se capacitar para um atendimento inclusivo. A escassez de futuros médicos veterinários em disciplinas como Libras, reforça a urgência de um comprometimento maior em oferecer um atendimento humanizado e inclusivo.

1.2 Problemática

Segundo Bittencourt e Sousa (2018), a falta de conhecimento sobre a Língua Brasileira de Sinais e a ausência de intérpretes em ambientes de saúde frequentemente resultam em mal-entendidos e na exclusão dos surdos do processo de cuidado.

A fonoaudióloga Chaveiro aborda as relações pertinentes à inclusão das pessoas surdas, enfatizando a necessidade de que os profissionais de saúde adquiram conhecimentos sobre a Língua Brasileira de Sinais para aprimorar o atendimento à comunidade surda. Sendo

assim, é evidente que os surdos ainda enfrentam dificuldades significativas em alcançar uma comunicação eficaz. Muitos chegam às clínicas veterinárias e não conseguem se comunicar em Libras, sendo forçados a tentar a leitura labial, o que nem todos dominam, ou a recorrer a rabiscos como meio de comunicação. Portanto, é claro que a adoção da Libras é importante, pois representa o caminho mais eficaz para atender às necessidades comunicativas das pessoas surdas.

A fundamentação da anamnese na área da saúde reside em uma comunicação eficaz e direta. Quando essa comunicação apresenta falhas, aumentam significativamente as chances de erros na condução do atendimento. Por isso, quando refere-se aos hospitais e clínicas veterinárias, é fundamental que ao longo do atendimento, sejam passadas as informações corretas e de forma clara sobre o paciente, explicando assim a situação que o mesmo se encontra, para que a anamnese seja realizada de forma adequada e ajude a direcionar a um diagnóstico preciso.

A acessibilidade para pessoas surdas ainda é insuficiente na área da Medicina Veterinária, com a falta de intérpretes e a ausência de profissionais capacitados em Língua de Sinais. Em diversas áreas os surdos não são adequadamente incluídos, e o sistema de saúde como um todo, ainda não enxerga essa questão como uma obrigação. É fundamental compreender as dificuldades enfrentadas pela comunidade surda e garantir que seus direitos sejam efetivamente respeitados. Afinal, não se trata apenas de atender animais, mas sim de lidar com vidas, onde acessibilidade, comunicação e inclusão devem caminhar juntos.

Logo, este estudo tem como objetivo analisar os desafios enfrentados pelos surdos ao buscarem atendimento veterinário para seus animais, além de contribuir para a reflexão sobre as dificuldades vivenciadas por essa comunidade e promover a importância do ensino e aprendizagem da Libras na formação dos estudantes de Medicina Veterinária.

1.3 Justificativa

Natural da cidade de João Pessoa-PB e estudante do curso de Medicina Veterinária na cidade de Areia-PB, possuo alguns aspectos que justificam o interesse na pesquisa. O interesse pessoal, onde tive contato com a comunidade surda na Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência (FUNAD) por um período da infância e adolescência enquanto meus pais se capacitavam como intérpretes de Libras, essa experiência não apenas despertou meu interesse precoce pela comunicação acessível, mas também me permitiu observar de perto os desafios e necessidades enfrentados pelos surdos no dia a dia.

O segundo aspecto é o profissional, pois como futura médica veterinária penso sobre as dificuldades enfrentadas por tutores surdos ao buscarem atendimento veterinário para seu animal de estimação. E por último, do ponto de vista acadêmico por ter tido a experiência de cursar uma disciplina optativa de Libras durante o sétimo período da graduação na UFPB, e desta forma, almejo que as pessoas ouvintes incluam o surdo na sociedade como qualquer pessoa digna deste direito, assegurando o respeito sempre.

A Libras é a língua natural dos surdos, e como língua natural os indivíduos carecem estar se comunicando dentro desta língua, seria interessante que o surdo pudesse ter acesso à mesma para que cada vez mais possam se inserir na sociedade como um todo.

A pesquisa justifica-se também pela escassa exploração do tema, que é pouco discutido tanto no âmbito acadêmico quanto entre os profissionais em geral. A inclusão da Libras na medicina veterinária é uma questão crucial que raramente é abordada, deixando uma lacuna significativa no atendimento a tutores surdos e na formação de profissionais capazes de se comunicar efetivamente com essa comunidade.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar e relatar os impactos da ausência do conhecimento básico da Libras pelos Médicos Veterinários no atendimento clínico de animais com tutores surdos.

2.2 Objetivos Específicos

- Identificar as principais dificuldades enfrentadas por tutores surdos durante o atendimento clínico veterinário.
- Analisar a percepção dos tutores surdos com base em pesquisa de campo realizada pelo autor, voltada para experiências em relação ao atendimento clínico inclusivo por parte dos médicos veterinários, nos municípios de João Pessoa e Campina Grande, onde há maior concentração de pessoas surdas no Estado da Paraíba.
- Avaliar os impactos potenciais da falta de capacitação em Libras na prática profissional dos médicos veterinários e da inclusão de tutores surdos.

3 O SURDO NA HISTÓRIA

O reconhecimento das pessoas surdas na história começou a ganhar destaque a partir do século XVI. Segundo Sacks (1998), foi nessa época que estudiosos passaram a refletir sobre as formas de comunicação de indivíduos surdos, com pioneiros como Pedro Ponce de León, um monge espanhol que desenvolveu métodos de ensino baseados no uso de sinais manuais. Ao longo dos séculos, a criação de métodos específicos para a educação de surdos evoluiu, e no século XVIII, Charles-Michel de l'Épée fundou a primeira escola pública para surdos em Paris, como relatado por Pessotti (1996). A formalização das línguas de sinais ao redor do mundo, incluindo o trabalho de L'Épée, foi essencial para a inclusão social das pessoas surdas.

Conforme Strobel (2008), isso permitiu o surgimento de uma cultura surda própria, com uma identidade visual e linguística, que desafiou os paradigmas ouvintistas tradicionais. Quadros (1997) destaca que o processo de formalização da Língua de Sinais permitiu que os surdos se integrassem mais efetivamente à sociedade, garantindo o reconhecimento de seus direitos e o acesso à educação e à comunicação.

A cultura surda, como outras culturas, é transmitida ao longo das gerações historicamente. Padden & Humphries (1988) destacam que muitos surdos só se reconhecem como surdos quando ingressam em escolas para surdos. Isso sugere que, até esse momento, ou até que tenham contato com a cultura surda através da comunidade surda, crianças surdas criadas em famílias ouvintes podem não estar familiarizadas com os valores culturais associados ao uso da Língua de Sinais. Assim, a interação cultural geralmente segue o modelo da comunidade ouvinte.

Frequentemente, a percepção dos surdos é limitada à capacidade cognitiva e linguística de compreender e produzir informações em língua de sinais. No entanto, a experiência visual dos surdos abrange aspectos além da linguagem, como significados culturais e comunitários. Essa perspectiva desloca a compreensão da surdez de uma simples perda auditiva para uma apreciação das características únicas da cultura visual surda e da língua de sinais. (LEBEDEFF, 2010, p. 176 APUD SKLIAR, 2001).

Segundo Goldfeld (1997), é comum que o primeiro encontro com uma pessoa surda provoque surpresa, sentimentos de pena ou até incompreensão. No entanto, após um breve contato, essas pessoas, que são tanto semelhantes quanto diferentes de nós, ouvintes, despertam curiosidade e respeito.

3.1 O surdo no Brasil

A identidade Surda, como abordada por Gladis Perlin, transcende a compreensão clínica da Deficiência Auditiva (D.A.), enfatizando aspectos sociais e culturais que configuram uma vivência singular dentro da comunidade surda. De acordo com a autora, a surdez não é percebida como uma limitação, mas sim como uma característica identitária que estabelece um vínculo com um grupo que se comunica predominantemente por meio da Língua Brasileira de Sinais.

Por outro lado, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS): “A deficiência auditiva, caracterizada pela perda total ou parcial da capacidade de ouvir, manifesta-se como surdez leve e moderada, e surdez severa ou profunda” (BRASIL, 2016), busca alinhar a realidade social e identitária dos surdos com práticas de inclusão social, promovendo a acessibilidade em diversos aspectos da vida cotidiana. Dessa forma, com base na análise sobre as inúmeras adversidades ao longo da vida que uma pessoa surda pode se encontrar, é imprescindível destacar os obstáculos com os quais o tutor surdo pode se deparar no momento de um atendimento emergencial para seu animal, por exemplo, com um médico veterinário despreparado.

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) levou considerável tempo para ser reconhecida internacionalmente como a língua natural da comunidade surda. Somente após sua origem a partir da Língua de Sinais Francesa, a Libras foi oficialmente reconhecida como um meio legal de comunicação e expressão para a comunidade surda por meio da Lei Federal nº 10.436/2002. Essa legislação foi posteriormente regulamentada pelo Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Com esse reconhecimento legal, a Libras passou a ser incluída nas grade curriculares das instituições de ensino superior, promovendo sua disseminação e valorização no ambiente acadêmico.

Embora a Lei nº 10.436/2002 não mencione especificamente o papel do médico veterinário, a acessibilidade em Libras se aplica a todos os serviços essenciais, o que inclui o atendimento veterinário. Portanto, pode-se argumentar que é responsabilidade dos profissionais de saúde, incluindo os veterinários, assegurar que seus serviços sejam acessíveis a todos, incluindo pessoas surdas.

Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil possui mais de 10 milhões de pessoas com algum grau de deficiência auditiva. No estado da Paraíba, estima-se que aproximadamente 180 mil pessoas apresentam algum nível de deficiência auditiva, em relação às cidades mais populosas do estado, João Pessoa conta com cerca de 5.300 pessoas surdas, enquanto Campina Grande abriga aproximadamente 3.000. Esses dados ressaltam a importância de medidas inclusivas no atendimento de saúde,

incluindo a medicina veterinária, considerando que uma parcela significativa da população enfrenta barreiras comunicativas, como a falta de profissionais capacitados em Libras para atender adequadamente tutores surdos.

4 METODOLOGIA

4.1 Fonte de dados e sistema de amostragem

O método utilizado para atingir o objetivo deste trabalho baseia-se em uma pesquisa bibliográfica fundamentada nas concepções de teóricos como Goldfeld (1997), Sacks (1989), Quadros (1997), Chaveiro (2010), Almeida (2000) e Fonseca (1995). Para a coleta de dados, foi realizado um questionário através da plataforma Google Forms, tendo o público alvo tutores surdos residentes no Estado da Paraíba.

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário aplicado individualmente aos tutores com deficiência auditiva, com perguntas específicas sobre a experiência geral com atendimento clínico veterinário, de acordo com a necessidade dos mesmos, em situações do cotidiano ou de urgência. O questionário contendo 12 perguntas, foi distribuído através do Google Forms de forma escrita na Língua Portuguesa e também com acessibilidade em Língua Brasileira de Sinais, através de vídeos realizados por uma intérprete profissional, sendo divulgado em grupos de WhatsApp dentro da comunidade surda, dado um tempo de quatorze dias para ser respondido.

Após receber as respostas, o material foi imediatamente arquivado e, em seguida, transcrito para este trabalho a fim de evitar qualquer perda das informações fornecidas. Abaixo estão listadas as perguntas referentes à entrevista, contidas no questionário.

Quadro 1: Roteiro da pesquisa

1. Introdução;
2. Nome (opcional);
3. Idade;
4. Cidade e Estado onde reside;
5. Qual é o seu pet?
6. Você já levou seu animal ao veterinário?
7. Se não, por qual motivo?

8. Durante a consulta, como você se comunica com o veterinário?
9. Você sente que o veterinário compreende bem suas necessidades de comunicação?
10. Quais são as principais dificuldades que você encontra durante o atendimento do seu pet em uma consulta?
11. Em uma situação de urgência, você tem uma clínica veterinária capacitada para prestar o devido atendimento ao seu pet caso você o leve sozinho, sem amigo/familiar para interpretar?
12. Para melhorar o atendimento veterinário do seu pet, quais ferramentas abaixo, você como tutor surdo, acha que são fundamentais em uma clínica veterinária?
13. Como tutor, como você avalia sua experiência geral com o atendimento veterinário na sua cidade?
14. Comentários adicionais.

Fonte: própria

Dado que a amostra da pesquisa foi constituída por voluntários, optou-se por utilizar um sistema de amostragem não probabilística para a seleção dos participantes. Esse método, conforme descrito por Mattar (1996), caracteriza-se por não se fundamentar em cálculos estatísticos ou probabilísticos. Em vez disso, a escolha dos participantes depende dos critérios definidos pelo pesquisador, que podem variar de acordo com os objetivos do estudo. No âmbito do atendimento clínico veterinário inclusivo, tais critérios incluíram a vivência dos tutores surdos com serviços veterinários e a disposição para relatar suas experiências e desafios, com o intuito de compreender melhor as barreiras enfrentadas na comunicação e na assistência recebida.

5 ANÁLISE DE DADOS

A análise de dados desta pesquisa foi realizada a partir das respostas obtidas através do questionário aplicado aos tutores surdos, distribuído via Google Forms, com acessibilidade em LIBRAS e Português. Os dados foram organizados e categorizados para identificar padrões recorrentes e questões críticas.

Esta pesquisa tem um caráter qualitativo, considerando que "a pesquisa qualitativa se preocupa com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, ou seja, trabalha com significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes" (MINAYO, 2014).

Conforme Bardin (2011), a análise de conteúdo é uma técnica que permite organizar, classificar e interpretar as informações de forma a revelar significados subjacentes e tendências nas opiniões dos participantes. Essa metodologia se mostra particularmente útil no contexto da pesquisa, que visa a inclusão de tutores com deficiência auditiva, pois possibilita a identificação de barreiras e necessidades específicas desta comunidade, contribuindo para a melhoria das práticas do atendimento veterinário.

Godoy (1995), argumenta que na pesquisa qualitativa, o investigador imerge no contexto em análise para compreender profundamente o fenômeno em questão sob a perspectiva das pessoas envolvidas. Essa abordagem é especialmente relevante no âmbito do atendimento clínico veterinário inclusivo, pois possibilita uma compreensão mais rica das experiências e dos desafios enfrentados.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta pesquisa contou com a participação de 12 tutores surdos residentes no Estado da Paraíba, permitindo compreender as dificuldades enfrentadas na tentativa de incluir o surdo no atendimento clínico veterinário.

As primeiras perguntas foram voltadas para conhecer o perfil dos participantes, gênero, idade, cidade e estado onde residem e qual o animal de estimação que possuem.

Tabela 1: Perfil dos participantes

Variável	Categoria	Número de respostas	Porcentagem (%)
Gênero	Masculino	8	66,7%
	Feminino	4	33,3%
Faixa etária	18 a 25 anos	4	33,3%
	26 a 35 anos	4	33,3%
	36 a 45 anos	3	25%
	46 a 55 anos	2	16,7%
Onde reside	João Pessoa	8	66,7%
	Campina Grande	4	33,3%

Qual animal de estimação possui	Cachorro	8	66,7%
	Gato	8	66,7%
	Ave	3	25%
	Jabuti	1	8,3%

Fonte: Dados da pesquisa

Com relação aos tutores surdos que participaram da pesquisa, 66,7% eram do sexo masculino e 33,3% do sexo feminino. A faixa etária que predominou foi de 18 a 25 anos e 26 a 35 anos, ambas com 33,3%, de 36 a 45 anos 25% e 16,7% de 46 a 55 anos.

Considerando a distribuição territorial, 66,7% dos participantes residem em João Pessoa e 33,3% em Campina Grande, refletindo os dados do IBGE (2010) que apontam uma concentração significativa de pessoas com deficiência auditiva nessas regiões.

Entre os participantes, 66,7% possuem cães e gatos como animais de estimação, 25% possuem aves e 8,3% jabuti.

De acordo com os dados da pesquisa, 83,3% dos tutores surdos que responderam ao questionário já levaram seu animal de estimação ao veterinário. E os 16,7% que não buscaram atendimento veterinário não relataram o motivo.

Na segunda etapa, as perguntas foram direcionadas para as experiências com o atendimento veterinário.

Tabela 2: Perguntas direcionadas ao atendimento clínico

Variável	Categoria	Número de respostas	Porcentagem (%)
Comunicação na consulta	Intérprete	3	25%
	Familiar/amigo	6	50%
	Papel e caneta	7	58,3%
	Oral	1	8,3%
Compreensão do veterinário	Sim, sempre	1	8,3%
	Na maioria das vezes	3	25%
	Às vezes	2	16,7%
	Raramente	3	25%
	Nunca	3	25%

Clínica capacitada para atendimento de urgência	Sim	5	41,7%
	Não	7	58,3%

Fonte: Dados da pesquisa

As respostas abertas que questionaram as dificuldades encontradas durante o atendimento destacam a falta de profissionais capacitados em Libras, intérpretes na clínica e a ausência de materiais acessíveis, foi ressaltado por um dos participantes o receio em não entender o diagnóstico e errar no tratamento, pondo em risco a vida do animal devido à barreira da comunicação.

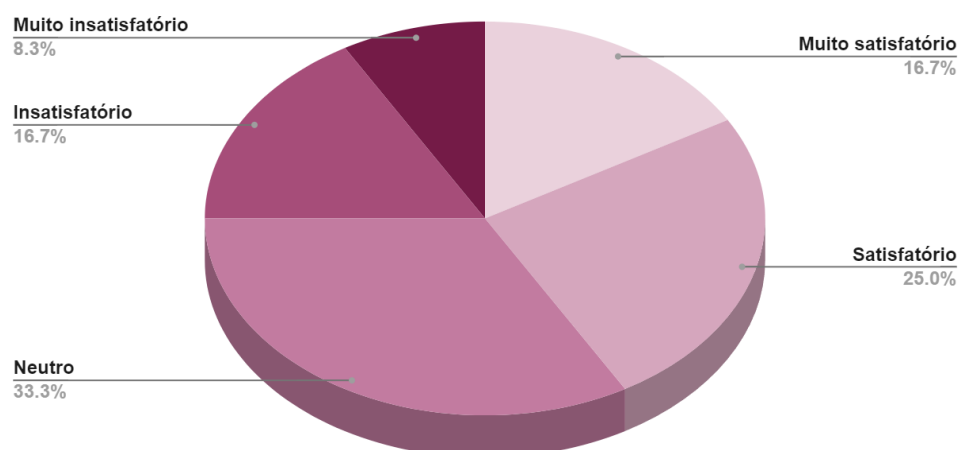
Tabela 3: Dificuldades no atendimento

Categoria	Número de respostas	Porcentagem (%)
Disponibilidade de intérprete de Libras	8	66,7%
Materiais de comunicação visual	2	16,7%
Tecnologia assistiva	4	33,3%
Capacitação do médico veterinário	10	83,3%

Fonte: Dados da pesquisa

Quando questionados sobre quais ferramentas seriam fundamentais para o atendimento clínico inclusivo 83,3% marcaram a capacitação do médico veterinário em Libras como essencial, 66,7% marcaram a disponibilidade de intérprete de Libras disponível, 33,3% marcaram o uso de tecnologia assistiva e 16,7% marcaram materiais de comunicação visual.

Gráfico 1: Avaliação da experiência com o atendimento veterinário



Fonte: Dados da pesquisa

Em relação às experiências gerais com o atendimento veterinário nas cidades de João Pessoa e Campina Grande, 16,7% consideram muito satisfatório, 25% satisfatório, 33,3% neutro, 16,7% insatisfatório e 8,3% muito insatisfatório.

E por fim, nos comentários adicionais, foi relatado a baixa qualidade no atendimento e falta de acessibilidade para a pessoa surda em consultas veterinárias no Hospital Veterinário de João Pessoa. Além disso, ressaltam a importância da comunicação entre tutor surdo e veterinário ouvinte.

Quadro 2: Comentários opcionais

1. “Sobre o Hospital Veterinário de João Pessoa apresenta uma péssima qualidade de atendimento para pessoas surdas. O serviço não oferece acessibilidade, tanto no atendimento presencial quanto no aplicativo, impedindo o agendamento de consultas. E a acessibilidade para pessoas com deficiência auditiva não é tratada como prioridade.”
2. “Bom, muito importante”
3. “É muito importante aprender Libras para atender à nossa comunidade surda.”
4. “Gostei de todas as perguntas. São importantes para melhorar a comunicação com os surdos.”
5. “É importante que o veterinário saiba Libras para se comunicar com o tutor surdo.”

6. “Preciso levar meu gato macho ao veterinário para realizar uma cirurgia.”

Fonte: Dados da pesquisa

7 CONCLUSÃO

Com base nos resultados obtidos na pesquisa, pode-se concluir que é evidente a necessidade urgente de capacitação dos médicos veterinários em Libras para atender adequadamente os tutores surdos. Além disso, também é importante ter acesso a aplicativos de tradução em tempo real de Libras ou plataformas de videochamadas com intérpretes, a "uberização" desses serviços é uma alternativa de tecnologia assistiva que deve estar disponível em clínicas veterinárias.

Este estudo destaca a importância da comunicação eficaz entre tutores surdos e profissionais de saúde, sugerindo que a capacitação básica em Libras deve ser uma prioridade na formação acadêmica dos médicos veterinários, contribuindo para uma prática mais equitativa e inclusiva, promovendo um ambiente de confiança e respeito mútuo entre médicos veterinários ouvintes e tutores surdos, desta forma, melhorando a qualidade do atendimento clínico e promovendo a inclusão social da comunidade surda no âmbito da Medicina Veterinária.

Este trabalho não se esgota aqui; principalmente pela escassez de recursos dedicados à pesquisa nessa área, há uma falta de estudos que abordam o presente tema, além de poucos materiais de capacitação em Libras voltados para os profissionais da Medicina Veterinária. Essa lacuna limita o desenvolvimento de práticas inclusivas e impede a plena acessibilidade no atendimento clínico veterinário.

No mais, espera-se que este estudo inspire outros pesquisadores a explorar o tema, devido à urgência de aprofundar as discussões e repensar estratégias por meio de ações, estudos e políticas públicas, garantindo que os médicos veterinários adquiram conhecimentos na Língua Brasileira de Sinais (Libras) desde a graduação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Elizabeth Oliveira Crepaldi de Almeida. **Leitura e surdez: um estudo com adultos não oralizados**. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2011.

BITTENCOURT, Cláudia V.; SOUSA, Eliane M. **A comunicação com pacientes surdos: desafios e estratégias no contexto da saúde**. Revista Brasileira de Terapias Complementares, v. 18, n. 1, p. 44-50, 2018.

BRASIL. Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004. **Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 3 dez. 2004. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2004/d5296.htm . Acesso em: 13 nov. 2024.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. 2016.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo Demográfico 2010: Características gerais da população, resultados do universo**. Rio de Janeiro, 2011.

Disponível em:

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%5C2011%5Cmonografia_geral.pdf . Acesso em: 13 nov. 2024.

BRASIL. Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm > Acesso em: 01 de set. de 2024.

BRASIL, Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência** (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

BRITO, Marcela. **Surdos têm dificuldade no atendimento em serviços de saúde**. Faculdade de Medicina da UFMG, 01 de outubro de 2019. Disponível em:

<https://www.medicina.ufmg.br/surdos-tem-dificuldade-no-atendimento-em-servicos-de-saude/> . Acesso em: 02 out. 2024.

CHAVEIRO, Neuma et al. **ATENDIMENTO À PESSOA SURDA QUE UTILIZA A LÍNGUA DE SINAIS, NA PERSPECTIVA DO PROFISSIONAL DA SAÚDE**. Cogitare Enfermagem, [S.l.], v. 15, n. 4, dez. 2010. ISSN 2176-9133.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm . Acesso em: 11 nov. 2024.

FONSECA, V. **Educação Especial**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. Disponível em:

https://books.google.com.br/books?id=bM_MhU5SUWsC&printsec=frontcover&hl=ptBR#v=onepage&q&f=false, Plexus Editora, 1997. Acesso em: 01 de set. de 2024.

KELLER, Helen. *The World I Live In*. New York: Doubleday, 1908.
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 12 set. 2024.

LEBEDEFF, T. (2010) **Aprendendo a ler com outros olhos**. Relatos de oficinas de letramento visual com professores surdos. Disponível em <http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/1606/1489>. Acesso em: 01 de set. de 2024.

MATTAR, J. P. **Métodos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1996.

MINAYO, M. C. (2014). Apresentação. In R. Gomes, **Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Instituto Sírio Libanes.

PADDEN, C.; HUMPHRIES, T. **Deaf in America: voices from a culture**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1988.

PERLIN, Gladis. **Identidade Surda: a construção do ser surdo e sua cultura**. Disponível em: <https://sites.google.com/site/pesquisassobresurdez/gladis-perlin>. Acesso em: 13 nov. 2024.

PESSOTTI, Isaías. **Vozes do Silêncio: História Social dos Surdos no Brasil**. São Paulo: Editora Autores Associados, 1996.

QUADROS, Ronice Müller. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997

QUADROS, Ronice Müller. **O Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. Brasília: MEC, SEESP 2005

QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Art. Med. 2004.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.